

## Rosendo Mauricio Sermeño - a paz é imperativa

*Ensaio do presidente da SGI, Dr. Daisaku Ikeda, a partir de uma série baseada em seus encontros com pessoas inspiradoras de todo o mundo.*

Estava quieto lá dentro. O clima enchia-se de tensão enquanto as pessoas lotavam a catedral, ansiosas para ouvir o sermão do arcebispo Oscar Romero.

Já tinha havido mortes demais em El Salvador. O horror da violência encobria aquele pequeno país da América Central. Pessoas com medo se perguntavam: “Será que vou ser a próxima?”

A minoria de ricos vivia com medo dos guerrilheiros insurgentes, de ser sequestrada ou assassinada. A maioria dos cidadãos comuns temia a opressão atroz das forças do governo. Os soldados tinham a liberdade de matar pessoas onde estivessem, prendê-las e torturá-las ou simplesmente fazê-las “desaparecer”.

Em 1977, uma aldeia inteira foi massacrada como um aviso para quem ousasse se opor ao governo. Desde o início de 1980, registrava-se um índice médio de dez assassinatos por dia. Clamores de indignação e dor percorriam todo o país. O sermão foi feito em 23 de março, um domingo em 1980.

O arcebispo Romero levantou a voz. “Em uma aldeia, contaram-me um fato terrível: em 7 de março, perto da meia-noite, soldados chegaram de caminhão, invadiram uma casa e expulsaram toda a família. Eles estupraram quatro meninas, espancaram brutalmente os pais e os advertiram que, se dissessem alguma coisa, sofreriam as consequências”.

O arcebispo continuou contando os “acontecimentos da semana” que não haviam sido veiculados nos jornais ou na televisão. Seu sermão foi ouvido por toda a nação, transmitido em um programa de rádio da igreja.

Inicialmente, não era a intenção do arcebispo Romero falar sobre questões políticas na igreja. No entanto, a situação no país era tão desesperadora que ele percebeu que não podia mais permanecer calado. A religião deve se contentar em abordar apenas questões de vida após a morte? Não. Com certeza, não.

O arcebispo finalizou seu sermão com um apelo a cada soldado e policial em El Salvador, alguns dos quais estavam sentados diante dele. “Irmãos, cada um de vocês é um de nós. Nós somos o mesmo povo. Os camponeses que vocês matam são seus irmãos e suas irmãs.”

As pessoas começaram a bater palmas. O arcebispo tinha razão!

“Em nome de... nosso povo atormentado que sofreu demais... Eu vos rogo, imploro, ordeno, em nome de Deus, que *parem com a repressão!*”

No dia seguinte, o arcebispo Romero foi assassinado. Ele foi morto no meio da missa, as balas perfuraram seu peito e rosto.

Desencadeada por esse ato terrível, a guerra civil em grande escala eclodiu em El Salvador. Era exatamente para evitar a guerra que o arcebispo havia arriscado tudo.

### **“Manter o povo ignorante”**

“A causa subjacente da guerra civil salvadorenha foi, em poucas palavras, o fechamento do caminho para a democracia.” Essa foi a explicação que recebi do reitor Rosendo Mauricio Sermeño da Universidade de Tecnologia da América Latina, quando o conheci em abril de 2000.

O conflito havia fechado a universidade nacional e os jovens não tinham mais oportunidade de prosseguir com seus estudos. O reitor Sermeño, um educador corajoso e espirituoso, não suportava ver aquela tragédia de desenrolando diante de seus olhos. Então, ele e os que compartilhavam a mesma opinião fundaram a Universidade Latino-Americana de Tecnologia.

“A taxa de alfabetização em nosso país é baixa”, explicou o reitor Sermeño. “A elite poderosa acreditava que um povo ignorante era mais fácil de controlar. Os órgãos governamentais tentaram reduzir a capacidade das pessoas de pensar de maneira crítica.”

A opressão levou ao desespero, que, por sua vez, intensificou os ataques dos insurgentes. “Nós não temos escolha senão lutar”, declararam. A guerrilha comprou armas com o dinheiro de resgate pago em sequestros dos ricos e poderosos. Eles destruíram linhas de telégrafo e telefone e arruinaram a rede de transportes. Ônibus foram bombardeados como forma de punir seus proprietários.

No final, até os simpatizantes dos rebeldes começaram a criticar essa estratégia.

O arcebispo Romero detestava a violência. Para ele, a violência, não importava o argumento, era errada, um pecado. Ele via uma diferença entre os assassinatos oficialmente autorizados cometidos pelos militares e pela polícia e os atos daqueles que lutavam contra tal violência. Porém, não se podia aceitar a violência. Matar é errado e a vida é insubstituível. Onde, então, estaria a solução?

A única coisa clara para todos era que, se o objetivo era conter os rebeldes, a repressão violenta era a pior maneira de alcançá-lo.

Enquanto as causas básicas, o abismo imenso entre ricos e pobres e um sistema político que nega aos cidadãos seus direitos humanos continuassem a existir, o número de guerrilheiros mortos seria irrelevante.

Novos guerrilheiros se levantariam, um após o outro, das fileiras de camponeses e das ruas das áreas faveladas.

### **O caminho para a paz**

Todo líder afirma estar trabalhando pelo bem do povo. Toda guerra é travada em nome da paz. Nenhuma guerra, no entanto, ocorre sem que existam vítimas.

“É a guerra, afinal. Alguns sacrifícios são inevitáveis!” Devemos ficar muito atentos a esses pontos de vista para não deixá-los criar raízes dentro de nós nem por um instante. Pois eles expressam a repugnante falta de consideração pela vida. Eles personalizam as decepções que prendem a humanidade a ciclos intermináveis de guerra. A violência jamais será a resposta para a violência. Se desejamos os frutos da paz, devemos semear a paz.

Perguntei ao reitor Sermeño qual havia sido finalmente a solução para o término da guerra civil em 1992, após doze longos anos de conflito. Sua resposta foi direto ao ponto. “Ambas as partes perceberam que, por mais que tentassem, uma nunca conseguiria derrotar a outra”.

O que ficou claro foi que nenhuma luta armada traria a paz. A batalha não havia resolvido nada. Era hora de conversar, era o momento de pensar sobre o futuro das crianças. Havia crianças em todo o país que não conheciam uma vida sem guerra.

A verdadeira coragem não é encontrada na resolução de divergências por meio da força militar. Pelo contrário, é preciso encontrar coragem para dialogar! Só então a humanidade triunfará de verdade.

Como Armand Calderón Sol, que se tornou presidente de El Salvador após a guerra, observou: “O que buscamos, do fundo do nosso coração, é uma cultura de paz. É uma filosofia de valoriza a tolerância, os direitos humanos e os valores culturais. O desafio para a humanidade, hoje, é fazer avançar nossa revolução humana e construir uma sociedade pacífica”.

Aquelas palavras deixaram claro que o único caminho para a paz é aquele em que mudamos nossa cultura, nossa maneira de pensar e a nós mesmos. Este é um apelo que surge das profundezas do sofrimento suportado por um país devastado pela guerra. Como tal, tem um peso incalculável.

Em meio a essa conjuntura, a liderança moral do reitor Sermeño, que manteve aceso o farol da educação durante toda a longa noite de terror, brilha ainda mais intensamente.

O reitor literalmente arriscou a vida para ensinar, saindo de casa mesmo durante tiroteios e quando toques de recolher foram impostos. “Eu só conseguia pensar nos meus alunos”, recorda-se. “A ideia de que os jovens estavam privados da oportunidade era insuportável.”

Como é que esse educador, com seu grande amor pela humanidade, define educação? “É um processo”, diz ele, “que ensina as pessoas a valorizar e respeitar tudo que vive”.

Tenho de concordar. A educação não deveria se basear em interesses nacionais ou ser limitada por eles. A educação deve cultivar a sabedoria para rejeitar e resistir à violência em todas suas formas. Deve criar pessoas que intuitivamente entendem e conhecem o valor insubstituível dos seres humanos e do mundo natural.

Creio que esse tipo de educação incorpora a eterna luta da civilização humana para criar um caminho infalível para a paz.

As lições aprendidas com a guerra civil em El Salvador são profundas. Toda guerra, quando vista através da lente não distorcida da santidade da vida, é uma “guerra civil” travada pela humanidade contra si mesma.

*Extraído do livro The World is Yours to Change (Asahi Press, 2002).*